

## *Pétalas*

Em voz alta, perguntava: *qual o problema de irmos comer em algum restaurante no centro?* Intimamente, porém, sabia que para ele também era desconfortável receber aqueles olhares de outras pessoas. Culpou-se pela situação em que viviam. Precisava ser forte, assumir publicamente a mulher diante de todos. O que importava que ela fosse diferente das outras? Falantes, gargalhando, apontando para vitrines, ostentando sua beleza sobre saltos altíssimos, abraçando seus homens como se fossem leões que têm, sob as garras, a presa. Marina jamais faria nada daquilo. E, para ele, esse era um de seus encantos. A passividade do corpo ressaltava suas qualidades: uma companheira gentil e amorosa. O que teria sido dele quando a mãe morreu? Sem dona Azumi para cuidar, Eduardo entrou em depressão profunda, da qual só saiu quando se apaixonou por Marina. Por isso era tão grato. Ela trouxe sentido à sua vida.

Esta viagem era para comemorar essa história bonita, inesperada. Aproximá-los ainda mais. Sentia-se um fracasso por não conseguir levá-la para jantar em um local público. É claro que seria difícil: precisava escolher um lugar acessível, sem escadas na fachada, com espaços entre as mesas suficientemente amplos para passarem. Mas ele tinha feito aquilo tantas vezes com a mãe...por que o desconforto em ser visto com Marina? Talvez soubesse que, na época em que levava dona Azumi para um passeio em sua cadeira de rodas, era olhado com simpatia pelos outros. Um filho dedicado, esforçando-se para dar um pouco de alegria à velha. Mas tudo ficava diferente quando olhavam para ele conduzindo aquela moça. Era perceptível como os homens percorriam os olhos pelo corpo escultural de Marina e, depois, o encaravam com um ar debochado. Como se dissessem: *só assim você conseguiria uma esposa dessas*. Já as mulheres,

exaltadas, o viam como se ele fosse um depravado. Ou pior, um estuprador.

Que perversidades ele não deveria fazer com aquele corpo dormente? Foi isso o que uma mulher lhe perguntou, há alguns meses atrás, quando estavam sentados em uma colcha sobre a grama do parque. Ele e a esposa, aproveitando o dia, um sábado à tarde. Bem, não foram exatamente essas as palavras que a intrometida usou. Mas quase isso. Estavam de mãos dadas, Marina e ele. Eduardo havia se atrapalhado na tentativa de lhe oferecer um sanduíche e deixou o pão cair sobre a saia branca dela. Uma mancha de mostarda apareceu, como uma pétala, no vestido. Era uma bobagem, Marina não se importou, mas ele começou a transpirar e a pedir desculpas.

Sabia que a felicidade absoluta não existia, mas era muito pedir que, ao menos nessa tarde, os dois ficassem em paz? Tinham vencido todas as resistências e obstáculos, um a um, para estar ali. No fim de semana em que celebravam o segundo ano de casamento, havia caído uma chuva tremenda, que impediu o passeio. Na semana seguinte, Eduardo havia estado de cama, uma febre danada. Mas, nesse dia, tudo parecia perfeito. O início de agosto marcava o auge das cerejeiras em flor no Parque do Carmo. Ficava longe de casa, mas Marina se emocionou tanto quando soube dos planos do marido que não havia mais como desistir. Nem quando ele se lembrou de que precisariam levar a cadeira de rodas, e o chapéu, e preparar o lanche para o piquenique, e encher o tanque do carro.

Eduardo ficava muito ansioso quando fazia qualquer coisa fora da rotina. Ou quando tinha tempo para planejar alguma saída, por mais insignificante que fosse. Pequenas coisas, como organizar mentalmente tarefas externas - ir ao banco, depois passar no supermercado, buscar a roupa na lavanderia ao voltar para casa - o deixavam alterado. Essa agitação, combinada com o vai-e-vem, o fazia transpirar. O que tornava tudo mais difícil. A cara redonda, o corpo encolhido, os cabelos gordurosos. E, ainda por

cima, isso? Manchas de suor que grudavam a roupa no corpo e deixavam sua aparência ainda mais repugnante.

Mas Marina fazia com que se sentisse bem. E querido. Ao seu lado, não pensava tanto em como devia ser desagradável a sua presença para as outras pessoas. Era como se a beleza da mulher pudesse ser um escudo temporário, uma capa de invisibilidade. Todos olhariam para ela. E, esquecido de si, ele poderia admirá-la em paz. Esse pensamento ajudou-o a tomar coragem e impulsionar os preparativos. Por volta das onze da manhã, estavam prontos. E faltando dez minutos para o meio-dia, já estavam sentados sob os galhos acinzentados, cobertos por milhares de florezinhas. Pareciam de papel, cor-de-rosa pálido com uma coroa viva no meio, entre os estames cheios de pólen. A paisagem conspirava para um dia feliz, até que uma mulher baixota, com seus sessenta anos bem disfarçados pelos óculos de sol pousados em seu rosto como uma mariposa, chegou perto. Joaquim, um cachorrinho preto e branco, que ela chamava a cada três segundos, alongando a última sílaba de seu nome e subindo a voz em falsete, estava no colo de Marina, lambendo a mancha de mostarda que Eduardo havia feito.

- Joaquiim! Não! Deixa a moça! Mil desculpas, ele é terrível!

A mulher fez menção de tirar o cão de cima das pernas de Marina, quando percebeu o real estado dela. Se antes fingia constrangimento, agora não podia disfarçar que estava atônita. O preconceito de que ele e a esposa foram alvo feriu profundamente Eduardo. E o idílio do casal feliz sob as corolas cor de carne foi se apagando. A mulher puxou a coleira de nylon que estava presa ao pescoço do cachorro com toda a força, e o pegou no colo. Agarrou o bichinho e, ainda que as monstruosas lentes marrons cobrissem seus olhos, era possível ver o desprezo com que os observava. *Não tem vergonha*, a boca apertada queria perguntar? Mas foi forte o bastante para se afastar rapidamente, não sem antes desejar *boa tarde*.